

O EMBALAR E O MOVIMENTAR DAS EMOÇÕES EM UM PERCURSO COMUNICATIVO

Marizete Batista do Nascimento ¹

RESUMO

Para viver e conviver é preciso que cada ser reconheça o seu mundo emocional como parte integrante do processo de autoconhecimento. Pensando assim, propomos neste texto uma viagem para o universo das emoções em um percurso comunicativo. Este texto faz parte do capítulo 03 Vivências cotidianas: as emoções nossas de cada dia e as competências socioemocionais da BNCC da dissertação de mestrado intitulada de: “As competências socioemocionais e o agir comunicativo em sala de aula: entre práticas e ações” apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE, da Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN) para obtenção do título de mestra em ensino. Este texto está na segunda sessão do terceiro capítulo, onde seguimos embalados em um movimento entre Emoção e Comunicação, trazendo para o centro das discussões as emoções, sua relevância para o bem, encontrando subsídios teóricos nos escritos de Casassus (2009), que apresenta a importância e necessidade de buscar um Clima Emocional ideal em sala de aula para o desenvolvimento das aprendizagens que circunscrevem o percurso de desenvolvimento dos estudantes. Assim como, nos escritos de Habermas (2012), trazendo elementos preponderantes referentes ao mundo subjetivo que conecta o viver e o conviver com o outro através das interações intersubjetivas que se evidenciam no mundo vivido por meio de ações comunicativas. Da mesma forma, também buscamos outros teóricos que abordam o universo emocional e os interlocutores que tracejam nas veredas da TAC - Teoria da Ação Comunicativa.

Palavras-chave: Emoções, Competências socioemocionais, Ação comunicativa, Intersubjetivas, Interações

INTRODUÇÃO

O artigo hora apresentado está inserido na dissertação de mestrado intitulada de: “As competências socioemocionais e o agir comunicativo em sala de aula: entre práticas e ações” apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE, da Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN). Este texto faz parte do capítulo 03 Vivências cotidianas: as emoções nossas de cada dia e as competências socioemocionais da BNCC.

Embalados em um movimento entre Emoção e Comunicação, apresentaremos neste texto breve discursão sobre as emoções, sua relevância para o bem viver de cada um,

¹ Mestra em Ensino pelo programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Graduada em Ciência da Felicidade pela UNICESUMAR, Professora da Educação Básica – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ernani Sátiro – Uiraúna – PB, mari.zetegpm@gmail.com.

encontrando subsídios teóricos nos escritos de Casassus (2009), que apresenta a importância e necessidade de buscar um Clima Emocional ideal em sala de aula para o desenvolvimento das aprendizagens que circunscrevem o percurso de desenvolvimento dos estudantes. Assim como, nos escritos de Habermas (2012), trazendo elementos preponderantes referentes ao mundo subjetivo que conecta o viver e o conviver com o outro através das interações intersubjetivas que se evidenciam no mundo vivido por meio de ações comunicativas. Da mesma forma, também buscamos outros teóricos que abordam o universo emocional e os interlocutores que tracejam nas veredas da Teoria da Ação Comunicativa – TAC

Diante das premissas apresentadas, a pesquisa foi guiada pela seguinte questão norteadora: Como as competências da Base Nacional Comum Curricular, ligadas à dimensão socioemocional, vêm sendo desenvolvidas em sala de aula, e se os pressupostos da teoria do Agir Comunicativo, inseridos na prática docente, podem auxiliar no desenvolvimento destas competências?

Nesse pensar, almejamos que esta proposta possa ser parte do processo educacional, auxiliando na reflexão de uma prática educativa que contemple aspectos socioemocionais, além dos cognitivos. Esperamos que todos se sintam parte enquanto seres sociais que colocam suas ideias para a normatização, discutindo, através da interação comunicativa, sempre sobre o melhor caminho que leve ao processo de entendimento coletivo. “Processos de entendimento visam a um comum acordo que satisfaça as condições de um assentimento racionalmente motivado quando ao conteúdo de uma exteriorização” (HABERMAS, 2012, p. 498). Isso corrobora para pensar na escola e em especial a sala de aula em um lugar que promova a socialização, acolhimento pensando no bem de todos, gerando um sentimento de pertença, pois quando as pessoas se sentem partes de uma coletividade tornam-se responsáveis pelas suas ações, contribuindo para a efetivação de um ensino inovador, sério e com bons resultados, se preocupando com a formação humana, crítica e social dos estudantes, ou seja, uma formação total daquele que aprende - a pessoa.

METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente os escritos deste artigo encontra-se na íntegra no terceiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada de: As competências socioemocionais e o agir comunicativo em sala de aula: entre práticas e ações, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Sendo assim este artigo traz uma discussão bibliográfica de autores que tracejam a temática em estudo. A partir

daí, trazemos para o centro das discussões as emoções, sua relevância para o bem viver, assim como apresentamos um quadro demonstrativo do ser emocional e do ser racional para uma melhor compreensão da temática em estudo. Como suporte teórico apresentamos a Teoria da Ação Comunicativa – TAC de Habermas (1989), como respaldo para o desenvolvimento de ações comunicativas desenvolvidas no espaço escolar, proporcionado aos estudantes uma evolução no desenvolvimento da competência comunicativa. Assim como trazemos uma discussão com vários teóricos que discutem o universo emocional, como os escritos de Araújo (2013), na BNCC, Casassus (2012) entre outros, no qual podemos perceber a importância do universo emocional, que outrora fora deixado às margens, e hoje percebe-se a importância de desenvolver as competências cognitivas entrelaçadas com as competências socioemocionais, contribuindo significativamente para a formação integral dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há situações que nos levam a sentimentos e emoções positivas e negativas, agradáveis e desagradáveis, boas ou ruins. No entanto, todas as emoções são indispensáveis para o nosso existir. O diferencial está na maneira como cada ser se comporta diante de cada situação, sendo preciso educar o ser emocional, pois as emoções são a chave de nossa sobrevivência (CASASSUS, 2009). Cada emoção tem uma característica peculiar que é fundamental para a sobrevivência e convivência humana.

O medo possibilita reagirmos diante de algo que nos ameaça em situações de perigo e a tristeza nos leva a um sentimento de perda. Este último sentimento possibilita a valorização do que é importante. Já a raiva permite a identificação do espaço pessoal de cada ser, despertando para a violação destes espaços, enquanto a alegria expande a capacidade de agir. Perceber e tomar consciência do que cada emoção representa é aprender a linguagem do mundo emocional.

Desta forma, a escola, família e sociedade de uma forma geral são permeadas por situações onde as emoções negativas se destacam em relação ao diálogo saudável, isto por causa da falta de uma educação emocional. Esta deve ser ensinada nas escolas do mesmo jeito que são ensinados conteúdos relacionados a linguagens, cálculos entre outros.

Corroboramos com Araújo (2013, p. 12):

[...] vivemos em uma sociedade cuja educação privilegia valores externos; o enriquecimento material e financeiro, o prestígio social está acima de tudo e mascaram a interioridade humana. Pobre por dentro, o indivíduo valoriza aquilo que está fora. Faz-se mister um novo olhar para o ensino e para aquele que aprende a pessoa humana, possibilitando aos estudantes um encontro com a sua interioridade. Em todo caso,

defende-se que a escola e o ensino organizem-se em torno de aprendizagens que tragam o crescimento pessoal, intelectual, moral, cognitivo, humano e social dos estudantes.

De acordo com Casassus (2009), não é possível pensar que as emoções representam um campo sentimentalista e sem potência, como tampouco é um campo próprio de seres 50 primitivos ou de animais inferiores. Pelo contrário, a emoção está intimamente ligada ao mundo da razão, sendo necessária sua inserção no campo da educação e um olhar atento para o sentir na nossa vida cotidiana. Na maioria das vezes, nas famílias, as ações que estimulam ou trabalham as emoções, como um abraço, um beijo, um bom dia ou até mesmo uma pergunta simples do tipo: como foi seu dia na escola hoje? São esquecidas. Na escola, não existe uma estrutura curricular que contemple o tema (ARAÚJO, 2013).

Desta forma, torna-se necessário repensar o ensino através de ações didáticas e pedagógicas que contemplem o desenvolvimento das competências socioemocionais, pois este desenvolvimento emocional contribui para a formação da identidade, personalidade e para o protagonismo dos estudantes. Como bem afirma Casassus (2009, p. 23):

As emoções representam o campo vital para cada um. O que sentimos sobre nós mesmos determina em grande medida quem somos. Por isso, podemos dizer que é nas emoções que se encontra a fonte mais íntima da nossa identidade, para além das determinações dos julgamentos das outras pessoas ou da nossa cultura. Nossa identidade se expressa pela maneira como agimos e reagimos.

É através do sentir e do agir que se exteriorizam as subjetividades que se manifestam no mundo vivido, sentido e compartilhado. Entender e compreender a importância do universo das emoções é fazer uma viagem para dentro, conhecer o interior, as emoções, bem como se preparar para acolher a emoção do outro, em um processo de interação intersubjetiva que permite o desenvolvimento global da pessoa humana.

O ser humano é um todo. Pensar em ações cognitivas desconectadas das socioemocionais causará certo reducionismo na formação integral dos estudantes, pois aprender a lidar com as emoções é, antes de tudo, uma necessidade deste novo século, no qual encontramos mudanças constantes na sociedade. As novas formas de interações sociais se apresentam de maneira complexas, sendo necessário aprender novas formas de ser, de trabalhar de viver e de conviver (CASASSUS, 2009).

As dimensões emocionais, mentais, linguísticas e corporais estão em sintonia, embora a dimensão emocional e a corporal foram deixadas um pouco de lado, priorizando os componentes mentais, racionais e linguísticos. No entanto, todas estas dimensões se completam e se relacionam com o mundo de forma integral. Tomemos como exemplo a dimensão

linguística, que se caracteriza através da interação intersubjetiva, por meio da fala cotidiana que se evidencia no mundo vivido. Ao falar, se comunicar, os sujeitos da ação deixam em evidência aspectos das suas subjetividades, ou seja, do seu mundo subjetivo refletido através das suas vivências e sentimentos. Dentro do processo comunicativo, trocamos informações linguísticas, bem como energéticas (CASASSUS, 2009).

Durante muito tempo, precisamente até o século XX, a razão pura ficou conhecida como o motor do desenvolvimento humano, e que este desenvolvimento seria a base do progresso, da paz e da felicidade. Instaurava-se uma cultura que vislumbrava um homem racional que atendia os anseios de uma modernidade baseada em um homem livre das travas impostas por sua posição social, raça ou cultura (CASASSUS, 2009).

Este ideal de liberdade se funda em um homem livre de razão sem as imposições políticas, no qual o critério normativo que guiaria suas ações fosse à ordem racional. Este processo de construção e desenvolvimento do homem se configurou no renascimento de um homem moderno racional. Este pensamento de desenvolvimento racional dominou o início do século XX. E foi com base nesse desenvolvimento de ser que foram e continuam sendo estruturados os sistemas educativos, perpetuando a ideia de um ser puramente racional, servindo a um sistema capitalista que opera e oprime que vê a pessoa humana de forma parcial, servindo a um sistema econômico e administrativo que instaura sobre os corpos a razão cognitiva instrumental. Contudo, para que se efetive uma educação que contemple os aspectos emocionais, faz-se necessário libertar-se do estado do analfabetismo emocional, assumindo uma nova condição cidadã, que é a de um sujeito consciente do seu processo de empoderamento individual (POSSEBON, 2020).

Durante certo tempo, a ordem racional era percebida com forte origem do valor custo benefício, deixando obsoletos os valores de cunho pessoal em virtude da realização econômica. Este princípio custo/benefício deixaria o ser racional a mercê de uma regra ou obrigação que, para agir racionalmente, teria que, de certa forma, ir contra os seus desejos e anseios, tendo que submeter ao império da regra custo-benefício (CASASSUS, 2009).

Desse modo, ancorando-se com esta trajetória seguida pelo desenvolvimento da humanidade, percebe-se a não-valorização do ser emocional que, além de pensar, sente e tem desejos. Com o passar dos tempos, novos conceitos e ideias surgiram em decorrência de acontecimentos que mexeram com as estruturas físicas e humanas do planeta, como as duas grandes guerras mundiais e pesquisas realizadas durante o século XX, contribuindo de forma significativa para mostrar que o homem racionalista não atenderia as demandas do mundo atual.

O homem racional, a priori, era visto como um ser sem emoção, egoísta ou até mesmo sem motivações pessoais e vivia para atender um sistema capitalista e sub-humano. Vejamos o que Casassus (2009, p. 35) apresenta-nos sobre isto:

Nessa passagem de tempo, o modelo racionalista dominante se mostrou limitado para explicar não apenas o comportamento humano, como, sobretudo, suas possibilidades. Esse modelo perdeu o monopólio que exerce sobre o imaginário humano. Abriu-se, assim, a possibilidade de nos considerarmos como algo mais do que apenas seres racionais. Atualmente, nós reconhecemos como seres racionais e emocionais. No período de um século surgiu o ser emocional.

Este dualismo entre razão e emoção deixou sequelas para o bem viver das pessoas, bem como para o sistema educativo que sempre buscou formar os estudantes privilegiando a cognição, como fosse desprovida de emoção ou sentimento. No entanto, encontramos, na racionalidade comunicativa, conjuntura que dá suporte para o desenvolvimento de uma razão que pensa, sabe, reflete, sente e age em busca de entendimentos linguísticos que se evidenciam entre pelos menos dois sujeitos participante de uma ação.

Segundo Habermas (2012), a racionalidade tem menos a ver com a posse de conhecimentos, mas sim como os sujeitos capazes de falar e agir adquire e emprega o saber. Sendo assim, não é sobre o que sabemos ou conhecemos, mas o que vamos fazer com este saber e com o conhecimento adquirido, ou seja, é a forma de condução deste saber em nossas vivências cotidianas. Habermas (2012) considera um sujeito racional quando faz uma acessão sendo capaz de fundamentá-la, bem como quando segue uma norma vigente e se mostra capaz de justificar seu agir em face a críticas e até mesmo quem exterioriza de maneira sincera um desejo, sentimento ou estado de espírito. Observa-se que este olhar Habermasiano para o desenvolvimento da racionalidade comunicativa está intimamente ligado aos componentes do mundo objetivo subjetivo e normativo que estão entrelaçados no mundo da vida.

Sendo assim, evidencia-se que o mundo da vida é permeado de objetividades, conhecimentos, normas sociais e também vivências e sentimentos. Diante disso, neste mundo vivido, encontramos seres de razão e emoção. Dessa forma, nunca estamos em um estado de pura racionalidade ou de pura emocionalidade, mais sim, somos e vivemos uma mistura composta por elementos dos três mundos da vida- objetividade, normas sociais, vivências e sentimentos (CASASSUS, 2009).

Vejamos, a seguir, um quadro demonstrativo com as principais características do ser racional e do ser emocional. (Quadro 1)

Quadro 01 – Característica do Ser Racional e do Ser Emocional

	Ser racional	Ser emocional
Orientação	Autorreferido	Referido ao outro
Coerência	Coerente	Incoerente
Vínculo	Desvinculado	Vinculado
Estilo	Calculista	Indiferente ao cálculo
Lugar	Na cabeça	No coração
Linguagem	Afirmativa	Declarativa
Relação com outros	Instrumental	Finalista
Comportamento	Previsível	Imprevisível
Dimensão	Fragmentado	Aspira à totalidade
Foco	Objetivo	Sujeito
Criatividade	Estéril	Criativo

Fonte: Da pesquisa a partir de Casassus (2009, p. 37).

Diante disso, observa-se, de acordo com este quadro demonstrativo, que o ser racional se preocupa consigo mesmo. No entanto, sem tanto conhecimento do seu mundo interior, se relaciona de forma instrumental ao se relacionar com o outro. O ser racional é livre, calculista, egoísta e autorreferido, já o ser emocional não é livre, não é coerente, é indiferente ao cálculo custo benefício é imprevisível, está voltado para o outro.

Fica em evidência, após esta breve apresentação, que a busca pelo equilíbrio entre razão e emoção é necessária, já que somos seres de razão e de emoção, não podemos ignorar o que sentimentos. As emoções fazem parte do nosso mundo vivido e, ao tomar consciência e gerar competências no plano emocional, as emoções podem ser reguladas e moduladas (CASASSUS, 2009).

Desenvolver competências socioemocionais seria, portanto, equilibrar o ser racional ao ser emocional. Incorporar, de fato, a dimensão emocional na cultura e nos processos de formação humana, através da construção de espaços comunicativos, com situações ideais de fala priorizando a participação coletiva e argumentativa de todos os sujeitos que participam da ação através das exteriorizações do mundo objetivo, social e subjetivo composto pelas vivências, sentimentos e emoções.

Para Casassus (2009), as emoções são energias vitais que unem os acontecimentos externos aos acontecimentos internos. Devido esta capacidade de unir o interno com o 5externo,

as emoções estão no centro da experiência humana interna e social. As emoções são exteriorizadas através do corpo que sente as sensações indicando a presença de uma emoção. Emoções e sentimentos representam um lugar de destaque em nosso mundo vivido. As emoções são fortes e passageiras e os sentimentos se manifestam através da interação com o outro sendo provenientes de alguma emoção sentida.

Casassus (2009) ainda discorre que

As emoções começam para nós como uma vibração que sentimos no corpo. Dessa forma o que é preciso perceber em primeiro lugar é que elas se caracterizam por ter um componente sensorial. Este componente pode ser a visão, a audição, o olfato, o tato ou o paladar. As sensações nos indicam a presença de uma emoção. Quando entramos em contato com algo agradável, sentimos felicidade. Quando entramos em contato com algo desagradável sentimos raiva. Essa sensibilidade emocional está instalada na mente.

Perceber as sensações presentes em nosso corpo, que se manifestam através dos acontecimentos externos é reconhecer a presença de uma emoção, sendo este o primeiro passo para o processo do desenvolvimento social e emocional. De acordo com o pensamento de Damásio (1996), as emoções estão voltadas para experimentações fisiológicas, são sentidas nas vísceras, é o aceleração do batimento cardíaco, respiração ofegante, rubor e tremor. Já os sentimentos se relacionam com a experiência mental de uma emoção, é um processo cognitivo, é a interpretação destas reações fisiológicas.

Dentro do universo emocional, encontramos emoções básicas ou primárias, secundárias e mistas. Há consenso em considerar como emoções básicas ou primárias, como a raiva, o medo, a alegria e a tristeza. Estas emoções são biologicamente primitivas, muitos já nascem com elas ou aparecem há poucos meses depois do nascimento e são similares a todos os seres humanos (CASASSUS, 2009).

As emoções secundárias e mistas seriam, portanto, a mistura das emoções com resultados a sentimentos que acontecem na interação intersubjetiva. Enquanto a emoção primária é mais forte e acontece com certa explosão, a emoção secundária acontece através do desenvolvimento de si mesmo ou desenvolvimento do ego (CASASSUS, 2009). Seria, de fato, uma emoção pensada, sentida e exteriorizada, advinda da incorporação das relações interpessoais.

Por exemplo, o medo e a raiva são considerados emoções primárias, mas a vergonha e inveja são consideradas emoções secundárias, pois exige um nível de reconhecimento de si mesmo perante o outro para que possam vir à tona (CASASSUS, 2009, p. 97).

Percebe-se que, para compreender uma emoção, é necessário conhecimento de si para poder entender e compreender as emoções que permeiam através das interações intersubjetivas. Ter este autoconhecimento de si e do outro é fundamental para a construção ou desenvolvimento de competências ligadas a dimensão socioemocional.

Sendo assim, a sala de aula é um espaço de construção de conhecimentos e de troca de emoção, onde são desenvolvidas competências e habilidades que servirão para o bem viver dos estudantes. Nos dias atuais, percebe-se que há certa necessidade de desenvolver competências socioemocionais, pois, elas ajudam na capacidade de adquirir uma consciência emocional e social, reconhecendo as suas emoções, bem como as do outro, além de ajudar na tomada de decisão e nos relacionamentos sociais.

De acordo com o pensamento de Habermas (2012, p. 178), “[...] sentimentos vinculativos como vergonha ou culpa, por exemplo, mantem relação interna com o mundo social”. Neste sentido, a escola enquanto espaço de interação social pode encontrar caminhos para a ressignificação da prática didática e pedagógica do professor através do diálogo, da compreensão e do entendimento, sendo possível pensar na construção de um mundo melhor e na formação de sujeitos livres, estruturados em uma racionalidade comunicativa, que aprendem, compreendem, indagam, questionam, se emocionam e promovem o entendimento neste imenso complexo mundo da vida.

Ou seja, espera-se que os espaços de sala de aula sejam espaços comunicativos que promovam a escuta ativa dos estudantes, onde eles possam exteriorizar as suas vivências, sentimentos e emoções, para que possam participar ativamente das discussões em todos os espaços comunicativos públicos, sobre questões que afetam de maneira direta e indireta suas vidas, que sejam lugares em que professores e alunos encontrem, nas trocas simbólicas do diálogo, mecanismos para organização e compreensão sobre a vida e suas manifestações (BRASILEIRO, 2018, p. 53).

Nestes espaços comunicativos pedagógicos, é fundamental o reconhecimento intersubjetivo e emocional dos estudantes para que estes possam desenvolver-se na sua totalidade. No espaço escolar, é notória a falta de conteúdos que abordem a educação para as emoções, embora tenha alguns professores que desenvolvem atividades que promovam a reflexão dos estudantes sobre as emoções.

Vygotsky (1923 [2003, p. 121]), defende que:

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem 56 profundamente e assimilem a geografia (por exemplo), mas também que a sintam. [...]. As reações emocionais devem construir o fundamento do processo educativo.

Percebe-se, de acordo com o pensamento vygostkyano, que assim como os conteúdos didáticos são necessários e importantes para o processo de desenvolvimento das aprendizagens para os estudantes, também devem ser necessários e importantes para o professor a articulação entre o aprender com o sentir a aprendizagem.

De acordo com Araújo (2013, p. 6), “os professores educam para formar engenheiros, médicos, professores e administradores, mas não se lembram de que antes de tudo o ser humano busca ser feliz”. Para que os estudantes atinjam o desenvolvimento cognitivo, faz-se necessário que este desenvolvimento esteja em sintonia com o campo da emocionalidade.

Para isto, os espaços educosociais devem buscar uma formação que articule cognição e emoção, através da educação para as emoções, em busca de amenizar o analfabetismo emocional que fora causado pelo modelo tradicional de ensino. A educação para as emoções busca a interação entre a formação do indivíduo em sua totalidade, agregando aos saberes cognitivo, valores socioemocionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas neste artigo, percebe-se a necessidade de incorporar a educação para as emoções no espaço escolar, começando da base, educação infantil: creche e pré-escola, seguindo para as outras etapas da educação básica e ensino superior, pois os futuros professores deveram desenvolver competências socioemocionais em sua formação para que no exercício da docência consiga desenvolver tais competências nos estudantes.

A violência nasce na ignorância, na dor no sofrimento, decorre da incapacidade de lidarmos com nossas emoções e resolvermos nossos conflitos. Somos analfabetos emocionais (ARAÚJO, 2013, p. 5).

O analfabetismo emocional citado por Araújo foi construído ao longo do tempo, decorrentes de influências equivocadas na cultura e na educação que era arraigado em ensinamentos voltados para o campo da cognição deixando aspectos relacionados às emoções de lado, provocando, de certa forma, um analfabetismo emocional.

Diante do novo contexto educacional, em que os conhecimentos desenvolvidos deveriam articular a dimensão do ser que pensa com a dimensão do ser que sente, através do desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas, emocionais, físicas, culturais e emocionais, espera-se superar este analfabetismo para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Roberto. **Liga pela paz: educando para as emoções: a teoria e Prática**. Ribeirão Preto, SP. ed. inteligência Relacional, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Secretaria da Educação. Brasília. 2017.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional/ Juan Casassus** – Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL “ERNANI SATYRO”. **Projeto Político Pedagógico** - PPP. Uiraúna. 2024.

FONTE, Paty. **Competências socioemocionais na escola**/Paty Fonte. Rio de Janeiro Wak Editora, 2019.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Barcelona: Kairos, 1996.

GOMES, Luiz Roberto. **Educação e consenso em Habermas**/ Luiz Roberto Gomes – Campinas, SP: Editora Alínea, 2007 – (Coleção educação em debate).

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Educação e emoções**/Elisa Pereira Gonçalves – Campinas, SP. Editora Alínea, 2015

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo, 1: racionalidade da ação e racionalização social**/Jürgen Habermas. Tradução: Paulo Astor Soethe; revisão da tradução Flávio Beno Siebeneichler - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo, 2: sobre a crítica da razão funcionalista**/Jürgen Habermas. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

NASCIMENTO, Marizete Batista do. **As Competências Socioemocionais e o Agir Comunicativo em Sala de Aula: entre práticas e ações**. Orientador: Rosalvo Nobre Carneiro. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2021. Disponível em: https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11514944.